

# **O OLHAR SOBRE A AUSÊNCIA DA FAMÍLIA E A NECESSIDADE DE DIÁLOGO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

D. E. TAVARES<sup>1</sup> e F. O. ARAÚJO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Pós-Doutora em Educação pelo GEPI - Grupo de Estudos em Pesquisa Interdisciplinar da PUC/SP; Diretora Pedagógica do CEFOR – Centro Formador da Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo; Pesquisadora do UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela UNIP - Universidade Paulista. Pós-graduada em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP); Educadora infantil do Centro de Educação Infantil Rubro Verde.

E-mail: dircetav@uol.com.br

E-mail: bia\_tdb@hotmail.com

## **COMO CITAR O ARTIGO:**

D. E. TAVARES<sup>1</sup> ; E. C. da SILVA<sup>2</sup>. **O Olhar sobre a ausência da família e a necessidade de Diálogo na construção da Aprendizagem na Educação Infantil.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.7, n.3, p. 50-70, jul/2017.

## RESUMO

O objetivo principal deste estudo é referente uma inquietação da pesquisadora em relação à ausência da família na construção da aprendizagem na educação infantil. A pesquisa se preocupou em entender como aproximar a família da escola para o melhor acompanhamento do crescimento na aprendizagem de seus filhos. Utilizou-se da abordagem qualitativa para análise das informações obtidas por meio de diálogo com vários autores. Na pesquisa, concluiu-se que o aspecto da ausência familiar não resolve os problemas que lhe advém, mas um contato contínuo já é um bom início, pois fornece caminhos por onde trilhar para a busca de soluções. Precisa haver mais que um diálogo significativo, para amenizar os problemas e suscitar possíveis mudanças no ambiente escolar e familiar.

**Palavras-chave:** educação infantil, ausência familiar, psicopedagogia.

## **ABSTRACT**

The main objective of this study is referring to a restlessness of the researcher regarding the absence of the family in construction of learning in children's education. The research was concerned with understanding how to bring the family closer to the school to better monitor growth in their children's learning. The qualitative approach was used to analyze the information obtained through a dialogue with several authors. In the research, it was concluded that the aspect of family absence does not solve the problems that comes, but continuous contact is already a good beginning, because it provides paths for searching for solutions. There needs to be more than meaningful dialogue to alleviate problems and bring about possible changes in the school and family environment.

**Keywords:** child education, family absence; psychopedagogy.

## 1 INTRODUÇÃO

Ninguém escapa da educação. Em todos os momentos da vida estamos envolvidas com ela; na escola, em casa, na rua, na igreja etc... Ou seja, a educação formal ou a informal. Devido ao trabalho externo dos pais, ou a necessidade de socialização, entre outras possibilidades; atualmente as crianças estão indo para a escola cada vez mais cedo. Esta passa a ser um ambiente importante para o convívio das crianças, nela a criança recebe os estímulos adequados e os cuidados que ainda requerem pela pouca idade que têm.

A relação entre escola e família enfrenta diversos desafios relacionados com o papel e a responsabilidade que cada instituição possui na formação integral da criança. A partir de pesquisas bibliográficas em estudos sobre o tema, procura-se buscar caminhos e descaminhos que auxiliem na formulação de reflexões para que ocorra uma relação harmoniosa entre a instituição escolar e a família.

Dessa forma, o trabalho aqui apresentado abordará reflexões que possam contribuir e aproximar a família para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem de seu filho.

A família desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento do indivíduo, já que será a principal transmissora das condutas e valores que permearão o comportamento desse pequeno ser. Pensando assim, buscaremos aprofundar a visão do contexto familiar e suas influências nas relações estabelecidas com outras instituições da sociedade, tal como o ambiente escolar.

Considerando a escola responsável por grande parte da formação do ser humano nos dias de hoje, o trabalho do psicopedagogo na instituição escolar tem um caráter preventivo no sentido de procurar criar

competências e habilidades para solução dos problemas originados pela sociedade atual.

Com esta finalidade e em decorrência do grande número de crianças com dificuldades de aprendizagem e de outros desafios que englobam a família e a escola, a intervenção psicopedagógica ganha, atualmente, espaço considerável nas instituições de ensino.

O papel do psicopedagogo escolar é significativo, pois pode e deve ser pensado a partir da instituição, a qual cumpre uma importante função social que é socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo, ou seja, através da aprendizagem, o sujeito é inserido, de forma mais organizada no mundo cultural e simbólico que incorpora a sociedade. Para tanto, prioridades devem ser estabelecidas, dentre elas: diagnóstico e busca da identidade da escola e definições de papéis na dinâmica relacional em busca de suas funções. Diante do aprender, verifica-se a atitude do educador, a análise da metodologia e dos conteúdos e reconstrução conceitual, além do papel da escola no diálogo com a família.

O surgimento dessa problemática aconteceu ao observar e através das narrativas dos professores, coordenadores, diretores e das próprias crianças a falta de participação dos pais ou responsáveis na vida escolar das crianças.

De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1998, s/p).

A Lei de Diretrizes e Bases, n. 9394/96, traz o conceito de educação como sendo além da educação formal, pois, é na família que a criança construirá valores que serão incorporados ao longo da vida e onde ocorre o primeiro processo de socialização que lhes permitirá traçar caminhos futuros. É papel da escola trazer a família para dentro da instituição escolar, ampliando os conceitos formulados pela criança e ainda permitirá conhecer a sua cultura pessoal para que a escola possa valorizá-la. Há necessidade de estarmos estreitando laços entre escola e a família, uma vez que procure acompanhar o desenvolvimento da criança em todo o seu processo de aprendizagem, tanto no lar quanto na sua atividade na escola se envolvendo e participando com seus filhos.

A construção do sujeito autor, entretanto, não começa só a partir da idade escolar, mas desde o início da vida do bebê. Porque para Fernández (2001, p. 56), “desde o início de sua existência, o bebê já está constituindo o sujeito aprendente sempre em relação com a modalidade de ensino e de aprendizagem de seus pais”.

O dever da família com o processo de escolaridade é reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que no seu artigo 1º trás o seguinte discurso: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996, s/p).

A família é base constitutiva da sociedade. Cabe aos pais um papel fundamental e de supra importância na educação dos filhos. Os pais são os primeiros educadores, e, desde o início, tem a missão do sustento material, cultural, emocional e espiritual das crianças. Este é

um dever dos pais, que de modo algum pode ser delegado a terceiros ou substituído pelo Estado. Cabe aos pais o dever de cuidar da formação ética e moral dos filhos, e prepará-los para a vida.

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais terá fim. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos (REIS, 2007, p. 6).

Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse; ou seja, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

Por isso, é importante que a escola planeje momentos dos pais no ambiente escolar, para aproximar os filhos de seus pais e os pais dos filhos, apresentando para os mesmos o quanto é importante participar da vida escolar dos filhos em todos os momentos do processo escolar.

Neste contexto, a escola precisa se aliar ao psicopedagogo, como parceiros, desde o planejamento escolar que é refletir sobre as ações pedagógicas até possíveis intervenções. O psicopedagogo poderá contribuir para que haja uma boa comunicação entre escola e família, favorecendo a um clima de confiança e estabelecendo um elo construtivo. A preocupação central deste trabalho é entender os fatores que tornam a família ausente na construção da aprendizagem na Educação Infantil.

## **2 OBJETIVOS**

Entender como aproximar a família da escola para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem de seu filho;

Compreender o papel do psicopedagogo nessa tarefa;

Investigar possíveis estratégias para aproximar a família da escola.

## **3 METODOLOGIA**

A pesquisa realizada neste trabalho foi classificada como qualitativa. Ela foi utilizada de forma exploratória, portanto não tem o intuito de obter números como resultados, porém com o aprofundamento da compreensão de um grupo etc.

A abordagem qualitativa é uma modalidade de pesquisa voltada para o entendimento e a interpretação de fenômenos humanos, cujo objetivo é alcançar uma visão detalhada, complexa e holística destes. É definida mediante a forma como a relação entre pesquisado se configura. É dada ênfase à linguagem e à percepção dos informantes e de quem pesquisa. É conduzida, em geral, em ambientes naturais. Essa abordagem depende, muito mais que a pesquisa tradicional, de uma boa forma de comunicação, de percepção e de intuição significativa, pois as questões são subjetivas e podem ser mal interpretadas (FAZENDA, TAVARES E GODOY, 2015, p. 62).

Conforme a visão Minayo (2010, p. 57), o método qualitativo se adequa melhor as investigações de grupos e dirigidas nas relações das áreas de humanas.

Segundo Chizzotti (2011, p. 26), não há um padrão único nesse tipo de pesquisa qualitativa “porque a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador - sua concepção, seus valores, seus objetivos”. Há uma relação próxima

entre os fatos e os valores o que é visto como positivo. A verdade pode ser relativa e subjetiva; portanto, a realidade é dependente da mente do sujeito, e o pesquisador não pode se colocar fora da história nem da vida social, possibilitando uma aproximação do investigador com o objetivo investigado.

Esse trabalho é qualitativo por abordar e focar as diferentes causas atribuídas a ele, numa visão crítica e reflexiva, em uma pesquisa problemática e exploratória.

#### **4 CONCEITOS E ESTRUTURAS FAMILIARES**

A família é considerada responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos no meio social. É no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização da criança, bem como as tradições e os costumes perpetuados através de gerações.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, lei nº 13.257, de 2016, é direito da criança e do adolescente ser educado com toda a estrutura do seio familiar. Quando excepcionalmente, for criado por família substituta, deve ser assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral.

O Estatuto da Criança e do Adolescente reconhece a existência de três espécies de família: a natural, a extensa e a substituta.

a) **família natural**: assim entendida a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes (art. 25, *caput*, ECA).

b) **família extensa**: aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente

convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade (art. 25, parágrafo único, ECA).

c) **família substituta**: para a qual o menor deve ser encaminhado de maneira excepcional, por meio de qualquer das três modalidades possíveis, que são: guarda, tutela e adoção.

No Art. 28, do ECA, diz ainda, que “a colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente, nos termos desta Lei” ([www.institutoavantebrasil.com.br](http://www.institutoavantebrasil.com.br)).

O ambiente familiar é um local onde deve existir harmonia, afeto, proteção e todo o tipo de apoio necessário na resolução de conflitos ou problemas de algum dos membros. As relações de confiança, segurança, conforto e bem-estar proporcionam a unidade familiar.

Entre os familiares, é possível identificar dois graus de proximidade: a família nuclear e família extensa. A família nuclear normalmente é composta pelos pais e irmãos, enquanto a família extensa é composta por avós, tios, primos, etc. No entanto, este conceito é flexível, já que muitas vezes os avós (ou outros parentes) podem morar na mesma casa e por isso são considerados como família nuclear. Em outros casos, um ou os dois pais podem não estar presentes por algum motivo, não fazendo parte da família nuclear.

Afirma Prado (2009, p. 28) que “hoje, os laços entre os membros da família nuclear se enfraquecem, porque a responsabilidade coletiva da família enquanto núcleo através do qual se realizam projetos em comum diminui cada vez mais”.

Além da tradicional estrutura familiar denominada nuclear ou elementar, as transformações sociais e culturais, proporcionaram a existências de diferentes estruturas familiares:

Temos a família monoparental; que é composta por apenas um dos progenitores: pai ou mãe. Os motivos que possibilitam essa estrutura são diversos. Englobam causas circunstanciais (morte, abandono ou divórcio) ou ainda, a decisão (na maior parte dos casos, uma decisão da mulher) de ter um filho de forma independente.

Já na família contemporânea, é caracterizada pela inversão dos papéis do homem e da mulher na estrutura familiar passando a ser a mulher a chefe de família. Abrange a família monoparental, constituída por mãe solteira ou divorciada.

A ideia que temos de família hoje não é a mesma de pouco tempo atrás, uma vez que estamos vivendo um momento de desenvolvimento social e jurídico sobre o tema, onde o conceito do que vem a ser família está sendo ampliado.

A família passou a ser mais democrática, o modelo patriarcal fora abandonado, sendo empregado um modelo igualitário, onde todos os membros devem ter suas necessidades atendidas e a busca da felicidade de cada indivíduo passou a ser essencial no ambiente familiar.

Portanto, temos que a ideia de família já avançou consideravelmente, logicamente ainda há resquícios de um conceito antigo de família na sociedade atual, afinal, não se trata de um conceito universal, sendo a família composta por indivíduos, cada qual com uma maneira única de pensar. Porém, em um contexto generalizado, percebemos que o ideal de família evoluiu juntamente com a sociedade,

evolução esta que ainda não se findou, vez que, como já dito, o conceito e a ideia de família são voláteis e estão em constante alteração.

## **5 AUSÊNCIA FAMILIAR NA ESCOLA**

Atualmente podemos observar com frequência a ausência dos pais na vida escolar de seus filhos. O mundo capitalista no qual vivemos tem estimulado e conseqüentemente influenciado diretamente nas relações familiares. A necessidade de se obter o melhor para a família, a troca de valores baseada, construída em torno de uma visão capitalista, infelizmente sugere, muitas vezes, que coisas são mais importantes do que pessoas. Daí a situação frequente onde pais tentam compensar o tempo não gasto com seus filhos através de presentes, passeios etc. Enquanto sabemos muito bem que tudo isso nunca substituirá sua presença que gradativamente vai se tornando cada vez mais rara.

(...) os tempos mudaram, mas não as relações humanas que constituem as raízes da formação do caráter. Os filhos ainda precisam dos pais, porque as relações afetivas que mantêm com eles desde o nascimento permitem que adquiram padrões que os tornarão seres normais. As crianças precisam de direção, disciplina, apoio e ânimo para crescer, amadurecer e tornar-se pessoas independentes da família, adultos autônomos (PELT, 2006, p. 8).

As novas famílias, os novos padrões, os novos modelos familiares são reais e complexos e quanto mais complexos, mais surgem dificuldades por parte das crianças no que diz respeito à divisão mental dos papéis familiares. Isto interfere diretamente na aprendizagem e na aquisição de novos valores. O fato é que quanto mais simples as relações, as divisões de tarefas, de responsabilidades parentais mais probabilidade de saúde emocional, psíquica e de equilíbrio da autonomia pessoal.

As crianças permanecem uma boa parte de seu dia na escola, em alguns casos, o dia todo, retornando somente à tarde e em alguns casos, somente nos finais de semana. Muitas dessas crianças por sentirem a ausência dos pais, tornam-se carentes e geralmente se identificam, afetivamente com seus professores, chegando a chamá-los de pai e mãe. Tais vínculos são positivos até certo ponto, pois se crê que isso auxilia no processo de ensino e aprendizagem da criança, mas por outro lado um professor não é o pai do aluno, ele não pode tomar para si a responsabilidade no aspecto integral e legal da situação. O fato é que muitos pais têm confundido as responsabilidades do professor no que diz respeito a educação e o cuidado com seus filhos. A falta de reconhecimento de seus próprios deveres como pais, os tem levado a prejuízos incalculáveis, desde o desejo das crianças de chamarem a atenção para si, até o afastamento total da figura da família.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p. 50).

Muitas são as razões da ausência dos pais na vida escolar dos filhos. Sabemos que alguns pais não possuem menor tato com crianças, externando assim a falta de preparo emocional, intelectual entre outras. O fato é que a dificuldade é palpável e latente. Muitos pontos referentes à ausência dos pais, dificuldades de aprendizagem, carência afetiva,

entre outros, estão diretamente vinculados às relações familiares frágeis e inconscientes.

Entendemos que muitos pais não vivenciaram uma boa história com a educação. Alguns tiveram que abandonar a escola por um período de suas vidas porque seus pais acharam que eles deveriam ajudar na lavoura ou em outros afazeres que complementar a renda familiar, não dando, muitas vezes, importância e valor aos estudos. Outro contexto ainda, porque muitas famílias tiveram que trabalhar durante o dia e estudar à noite, abandonando também seus filhos. Tal situação é bastante desgastante e é necessária muita vontade e estímulo, para continuar a manter o ritmo de estudo e trabalho. Muitos tiveram que fazer suas próprias escolhas, sendo que uma grande maioria optou pelo trabalho. Ou seja, pararam de estudar, não podendo mais se preparar para enfrentar melhores oportunidades de trabalho.

O fato é que se faz necessário uma reeducação dos pais para que eles possam estar mais presentes na vida escolar de seus filhos de forma presente e equilibrada, expressando um verdadeiro acompanhamento e cuidado.

Atualmente, a existência de projetos, de conscientização dos pais sobre a presença paterna e materna na vida dos filhos, sobre qualidade de tempo, estímulo à leitura etc. tem sido executados por escolas e associações de pais e responsáveis. Um número crescente e expressivo de terapeutas familiares tem tomado parte nesse trabalho. Muitos deles têm sido requisitados para palestrarem e também para acompanharem famílias em suas questões. O importante é que as necessidades estão sendo identificadas e trabalhadas, mas tal necessidade ainda é latente e precisa continuar o trabalho informativo e conscientizador.

Cabe aos pais refletirem sobre como mudar suas posturas perante sua família. O diálogo é uma ferramenta muito importante nesse processo de mudança. Essa forma antiquada de conviver com relações desgastadas deve ficar para trás e os papéis que devem ser resgatados, devem ocorrer com urgência. Na verdade, todos precisam contribuir para melhorias nas relações pais e filhos, pais e escola, escola e alunos. Se tomarmos consciência de nosso papel nessa interação, com certeza veremos mudanças positivas.

## **6 ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NA ESCOLA**

A Psicopedagogia tem como objeto de estudo o processo de ensino e de aprendizagem. Estes podem atuar em diferentes âmbitos: o indivíduo, o grupo, a instituição e a comunidade. Os estudos realizados nesta área se voltam cada vez mais para uma ação anterior ao aparecimento dos problemas encaminhados à clínica.

Tradicionalmente, pode-se pensar a Psicopedagogia exclusivamente com trabalho voltado para a Instituição Educacional. Porém, o olhar sobre a aprendizagem que ela se propõe a estabelecer oferece espaço para a atuação da Psicopedagogia nas mais diversas instituições, visto que o processo de aprendizagem é um processo constante no desenvolvimento do sujeito, inserido em todo o contexto educacional.

A Psicopedagogia Institucional propõe, portanto, estar atenta às inúmeras possibilidades de construção do conhecimento e valorizar o imenso universo de informações que nos circunda.

Ao chegar numa instituição escolar, muitos acreditam que o psicopedagogo vai solucionar todos os problemas existentes (dificuldade de aprendizagem, evasão, indisciplina, desestímulo docente, entre

outros). No entanto, o psicopedagogo não vem com as respostas prontas. O que vai acontecer será um trabalho de equipe, em parceria com todos que fazem a escola (gestores, equipe técnica, professores, alunos, pessoal de apoio, família). O psicopedagogo entra na escola para ver o "todo" da instituição, interagir com ela e formar parcerias de trabalho.

Na abordagem preventiva, o psicopedagogo pesquisa as condições para que se produza a aprendizagem do conteúdo escolar, identificando os obstáculos e os elementos facilitadores, sendo isso uma atitude de investigação e intervenção. A sua formação pessoal e profissional implica a configuração de uma identidade própria e singular que seja capaz de reunir qualidades, habilidades e competências de atuação na instituição escolar.

Nogueira et al (2011, p. 40) afirmam que a preocupação da Associação Brasileira de Psicopedagogia é “a prevenção dos problemas de aprendizagem nas escolas, propondo, uma ação psicopedagógica voltada para o ensino e não somente para o processo de aprendizagem, com o intuito de evitar a evolução dos problemas de aprendizagem”.

Cabe ao psicopedagogo intervir junto à família das crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, por meio, por exemplo, de uma entrevista e de uma anamnese com a família para tomar conhecimento de informações sobre a sua vida orgânica, cognitiva, emocional e social.

O psicopedagogo contribui preventivamente desenvolvendo trabalhos que possibilitem a integração entre o que se sabe e o que se faz e sente. É necessário um trabalho que envolva o âmbito grupal, visualizando nele os sujeitos cognitivos, afetivos, sociais e biológicos em movimento. O profissional deve ter uma visão vertical e horizontal do processo grupal, de maneira que a relação entre as histórias individuais e as grupais seja aproveitada como experiência para o crescimento e a criação de uma autonomia que se fortifique no interior do grupo e reflita no funcionamento da instituição, para que esta alcance seus objetivos (OLIVEIRA, 2009, p. 42).

A intervenção psicopedagógica pressupõe essa ligação com objetivos muito claros, delineados pelo seu objeto de estudo, o processo de aprendizagem.

## **7. CONCLUSÕES**

Conclui-se que a parceria entre a família e a escola deve se formar desde os primeiros passos da criança na instituição escolar. Tanto pais como educadores lucrarão com essa parceria. O contato social das crianças está cada vez mais precoce. A educação escolar é diferente da educação familiar, pois ambas têm papéis diferentes, porém uma não pode substituir a outra, mas são complementares. Como a sociedade sofreu profundas mudanças em sua estrutura, à família e a escola também sofreu. Com essas mudanças a escola deixou de ser apenas responsável pelo conhecimento para se tornar educadora de forma integral.

O índice de pais ausentes está cada dia mais crescente na vida escolar de seus filhos. Com essa ausência os problemas escolares estão cada vez mais graves e afetando diretamente na aprendizagem, na atenção, no emocional, no psicológico e na interação com o meio. O

psicopedagogo tende a prevenir os problemas de aprendizagem, buscando auxiliar e a desenvolver o máximo das potencialidades das crianças.

O diálogo é uma ferramenta primordial para amenizar os problemas escolares. Juntamente com a direção e a coordenação, cabe ao psicopedagogo contribuir com essa mediação entre escola e família. Todos precisamos trabalhar juntos, para melhorias nas relações escolares e familiares para obtermos mudanças significativas de posturas, tanto do aluno, como dos pais e da escola.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente n. 8069/90**. Brasília, MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9.394/96**. Brasília. MEC, 1996.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; TAVARES, Dirce Encarnacion e GODOY, Herminia Prado Godoy. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. Campinas: Papyrus, 2015.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Pais Presentes, Pais Ausentes**. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GUIA DA INTERNET. **Quais são as formas de família previstas no ECA?** Disponível em: <http://institutoavantebrasil.com.br/quais-sao-as-formas-de-familia-previstas-no-eca/>. Acessado em 10/fev/2017.

LEAL, D; NOGUEIRA, M. O. G. **Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico**. Curitiba: Ibpex, 2011.

MASSADAR, Cláudia Toledo. **Psicopedagogia na Escola: reflexões sobre intervenção institucional possível**. Rio de Janeiro: SJT, 1993.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12. ed., São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

NOGUEIRA, Maria A.; ROMANELLI, Geraldo.; ZAGO Nadir. **Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Mari Angela Calderari. **Intervenção psicopedagógica na escola**. Curitiba: Iesde, 2008.

PELT, Nancy Van. **Como formar filhos vencedores** – Desenvolvendo o caráter a personalidade. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

PORTO Olívia. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

REIS, Risolene Pereira. **Relação família e escola: uma parceria que dá certo**. Mundo Jovem: um jornal de ideias. Ano XLV –n° 373, Fev., 2007.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!** Formando cidadãos éticos. 11. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2007.

ZAGURY, Tania. **Escola sem conflito: parceria com os pais**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.